



FACULDADE SALESIANA
DOM BOSCO
Manaus-AM



ARTIGO¹

ENTRE FIBRAS E RAÍZES: UM DIÁLOGO COM SIMONE WEIL SOBRE ENRAIZAMENTO E RESILIÊNCIA NO TRABALHO DAS MULHERES INDÍGENAS DO ALTO RIO NEGRO EM MANAUS

Fábio Assunção Melo Vasconcelos²

Resumo: O presente artigo aborda a temática do enraizamento e da resiliência em mulheres indígenas à luz do pensamento da filósofa francesa Simone Weil (1909-1943). O pensamento dessa filósofa se apresenta intensamente interessado pela diversidade das culturas e pela junção entre os campos teórico e prático. Por isso pode apresentar-se válido para analisar os processos de enraizamento e resiliência no contexto amazônico. Tendo como objetivo analisar com base no pensamento de Simone Weil o processo de resiliência e enraizamento empreendido pelas mulheres da associação de mulheres indígenas do Alto Rio Negro na cidade de Manaus-AM. Trata-se, pois, de uma pesquisa de campo, de natureza qualitativa com caráter exploratório apoiada no método hermético dialético. Neste trabalho, além de apresentarmos os conceitos de enraizamento e resiliência em Weil, realizamos a entrevista com cinco mulheres que pertencem ao grupo pesquisado, estes dados obtidos foram então entrelaçados com elementos do pensamento weiliano. A reflexão filosófica no contexto da Amazônia que permeia essa pesquisa, almeja dar atenção ao trabalho e os modos de vida mulheres indígenas, pretendendo localizar elementos de reerguimento, de fortalecimento em conjunto e afirmação identitária na dificuldade de manter suas culturas e sobreviver. Assim, somos impelidos a olhar se na existência dessas trabalhadoras, podemos encontrar além de produtoras de renda, pessoas resilientes e enraizadas. Ao fim da pesquisa observamos que se pode vislumbrar fortemente o empenho e as possibilidades de construção do enraizamento e da resiliência na saga cotidiana destas mulheres.

Palavra chave: Simone Weil. Mulheres indígenas. Enraizamento. Resiliência.

Abstract: The present article treats the theme of inrootedness and resilience of indigenous women in light of the French philosopher Simone Weil (1909-1943) thought. The view of this philosopher is presented on intensely interested in the diversity of cultures and in the joining of theoretic and practical thought. For this reason it seems valid to analysis the process of “inrootedness” and resilience in the Amazonian context. Whit the objective of making the analysis based on Simone Weil’s thought, the process of resilience and inrootedness, assumed

¹ Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da turma de formandos de 2018. Linha de Pesquisa II: Análise de elementos e questões amazônicas. Orientador Prof. Dr. Joaquim Hudson de Souza Ribeiro.

² Acadêmico do curso de Licenciatura em Faculdade Salesiana Dom Bosco, Manaus - AM. E-mail: fabioiv12@hotmail.com

by the women of indigenous women's association, from the uppermost part of the Rio Negro, on the city of Manaus-AM. It treats, therefore, as a field research, of qualitative nature with an exploratory character, supported by a hermeneutical dialect method. In this paper, besides presenting the concepts of inrootedness and resilience in Weil, we interviewed five women who belong to the group was researched. The data obtained was then interlaced with Weilian thought. The philosophical reflection in the Amazonian context, which pervades the research, hopes to give attention to the work, which proceed to discover elements of revitalization, of concerted strength, and difficulty of maintaining their cultures and survive. And thus, we are impelled to observe if in the existence of these workers, we can encounter, beyond the products for sale, a resilient and inrooted people. At the end of the research, we observes that it is possibilities of constructing inrootedness and resilience in the daily life of these wom

Keywords: Simone Weil. Indigenous women. Inrootedness. Resilience.

INTRODUÇÃO

Ao abordar o tema entre fibras e raízes: um diálogo com Simone Weil sobre enraizamento e resiliência no trabalho das mulheres indígenas do Alto Rio Negro em Manaus, este artigo tem como objetivo analisar, com base no pensamento de Simone Weil, o processo de resiliência e enraizamento empreendido no trabalho da associação das mulheres indígenas do alto rio negro na cidade de Manaus- AM. Desse modo buscou-se responder à questão de como o pensamento de Simone Weil pode ajudar a compreender as possibilidades de resiliência e enraizamento dentro do trabalho e vida das mulheres indígenas do alto rio negro em Manaus-AM?

A presença dos termos fibras e raízes (elementos referentes a estrutura das plantas) quer servir de ilustração dos conceitos que analisaremos. A analogia botânica nos permite algumas conexões: primeiro na relação entre raízes e ambiente, sua ligação com as ramificações históricas, sua captura de nutrientes e, depois, a relação entre resiliência e o trabalho com as fibras, sua maleabilidade, a junção de fibras que podem formar um objeto resistente, firmeza, durabilidade e ornamento.

Esta pesquisa trata-se de estudo de natureza exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa, que utilizou o método hermenêutico dialético para análise do material obtido. Os instrumentos de pesquisa utilizados foram questionário sociodemográfico, fichas de entrevistas com roteiro semiestruturado (assentida por meio de termo de consentimento livre esclarecido - TCLE) e a ferramenta do diário de campo. Para manter o sigilo das contribuições coletadas, o nome das mulheres entrevistadas foi substituído por nomes de elementos da natureza amazônica (Flor das águas, tajá vermelho, sumaúma, chicantá e ariá).

Os primeiros tópicos apresentam uma compreensão dos conceitos de Enraizamento e Resiliência em Simone Weil. Na segunda parte verificamos no trabalho associado das mulheres indígenas a presença de resiliência e enraizamento, mediante também apresentação discussão de dados coletados. Por fim, a pesquisa propõe um diálogo, de forma sintética, entre os conceitos weilianos e as práticas das associadas da AMARN, tendo com panorama o centro de uma grande cidade da Amazônia e um tipo de fluxo migratório interno.

1. COMPREENDENDO ENRAIZAMENTO E RESILIÊNCIA EM SIMONE WEIL

1.1 – Simone Weil e o enraizamento

O passado para Weil tem lugar importante, não podemos simplesmente anular nossa trajetória pessoal e coletiva, e para tanto aponta que precisamos amar nosso passado. A filósofa preconiza que eliminar o passado é um crime e que toda a seiva revolucionária tem sua origem na história. Ela ainda expressava que em cada passo dado em sociedade, seja de origem política, jurídica ou técnica se deveria garantir aos seres humanos a recuperação das suas raízes e denúncia que a perda do passado encaminha para a servidão colonial (WEIL, 1996).

O encontro entre as culturas e sua mútua fecundação são outro tema caro a Simone Weil, no seu olhar, mais que o choque e o estranhamento, a aproximação entre o “bárbaro” e o autóctone, pode gerar uma interação cultural nova, e um convívio baseado no respeito, porém, essa realidade não se constrói sem esforço e não deve ter como raiz um desejo de sobreposição. Assim, o Enraizamento, ou seja, a capacidade de criar raízes em um lugar, em uma cultura é considerado por Simone, como “a necessidade mais importante e mais ignorada da alma humana” (WEIL, 2014, p.46).

Em o Enraizamento a autora destaca que: “todo contato com um pensamento estrangeiro, em qualquer área, requer um esforço mental para atravessar a fronteira” (WEIL, 2014, p.109). No processo de assimilação das pessoas, na condição de migrantes, ao seu novo contexto, deveríamos lutar para que elas mantivessem viva a sua cultura, mesmo que modificada. Deveríamos ainda lutar para que as culturas permitissem o germinar umas das outras, e ainda que estivessem disponíveis para o diálogo.

Como que o ser humano pode criar raízes? Weil responde que: “pela participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade” (WEIL, 2014, p. 45). Dessa forma, aspectos como cultura, memória, política, entre outros, despontam como sendo sinais da fixação de raízes. No entanto, existem forças em uma sociedade que se posicionam contrárias ao

enraizamento, e dessa forma Weil, busca estudar o conflito entre enraizamento e desenraizamento. Particularmente no século XX a autora deu destaque ao sistema econômico e produtivo capitalista juntamente com o período de guerras em que se encontrava.

O desenraizamento tanto operário quanto camponês, analisados por Weil apresentam elementos que impactam e pesam sobre os enquadrados nesses grupos sociais. A força desenraizadora do lucro, que gera um rastro que destrói raízes (Weil, 2014) afeta ambas as categorias, que segundo a pensadora ainda não estavam afinadas em uma reivindicação conjunta. A distinção entre operariado e campesinato, que se mantém dentro de uma oposição entre realidade urbana e rural, coloca, segundo a filósofa, os camponeses em segundo plano. O sistema de inferiorização da vida no campo faz pressão para que alguns camponeses se desenraizem e assim, componham o tecido urbano, onde se impunha a crença da única habitação de pensamento e progresso. Dessa forma, Simone levanta as possibilidades para um enraizamento e atenção para o mundo “interiorano”, o que perpassava áreas como políticas próprias, cultura, possibilidades para as juventudes.

O paradoxo entre enraizamento e desenraizamento nos leva a fazer uma leitura da sociedade buscando identificar as mediações que possibilitam estes processos. Nessa perspectiva vale-nos associar enraizamento a outro conceito weiliano o de *metaxú* (intermediário) tomado das suas incursões na cultura grega. Os intermediários, para Simone, são coisas valiosas, pois tem função de interconexão entre os planos de realidade (Puente, 2009). Weil destaca as realidades “pontes” edificadas entre os gregos, as quais sobrepomos arranha-céus, perdendo assim a noção de mediação, das coisas por onde atravessamos para um sentido maior, e fazem transcender (Weil, 2004). Dessa forma, deveria ser preocupação social criar condições para o alimento de condições (ou raízes) materiais e imateriais ou simbólicas.

O enraizamento configura-se como uma ligação entre o mundo sensível e a aspiração de um bem transcendente, dada em um contexto comunitário favorável, que articule as necessidades do corpo e do espírito. Segundo Emmanuel Gabellieri (2009, p.109), os *metaxú* (mediadores) culturais tomam formas em certos lugares, sendo a cidade uma figura chave para compreender o enraizamento. Mas nesse caso não seria tanto sacralizar um local, pois para Simone Weil mesmo o nômade tem raízes, o que implica nesse caso a dizer que o enraizamento pode não ser restritivo apenas a um lugar, mas pode significar também um modo de existir no mundo (GABELLIERI, 2009). Com o enraizamento weiliano não se pretende eleger uma cultura e um lugar, mas, valorizar o respeito entre as diversas tradições e o diálogo intercultural.

O conceito de enraizamento está na esteira de um pensamento tanto concreto quanto metafísico, refere-se as necessidades da alma humana, mas, que devem ser garantidos dentro de um determinado contexto social. Fixar-se em um lugar, contribuir na edificação de uma sociedade ou cultura, fazer uso da seiva história como promotora das transformações, são alguns aspectos que emergem da noção de enraizamento. No seu conteúdo a obra o enraizamento trata de temas que tocam a vida total dos seres humanos, não descartando as inter-relações dimensões da política, do trabalho e espiritual (Weil, 2014). Produzir frutos dentro de um socio-ambiente são ressonâncias visíveis da ação de enraizamento. Nos tópicos seguintes ainda dedicaremos atenção a esmiuçar melhor em forma dialogal os conceitos de resiliência e enraizamento.

1. 2 – Simone Weil e a resiliência

As pesquisas sobre resiliência são originalmente formuladas nas áreas da física e mecânica, e refere-se a um determinado corpo em sua capacidade de recompor-se depois de sofrer um impacto (Taboada et al, 2006). Resiliência seria como o pulo de um objeto impactado para a voltar ao seu estado de origem, algo comparado ao movimento de ricochetear.

Conscientes de que a resiliência é um conceito recente no campo das ciências sociais, e que ainda tem pouca incursão nas discussões filosóficas, obviamente não foi usado, de forma explícita, nos escritos de Simone Weil, produzidos no início do século XX. Porém, a essência deste conceito e sua relação com a compreensão dessa característica humana pode ser captada implicitamente nos textos da filósofa. E entre os elementos estudados pela resiliência interessam-nos os mais ligados ao contexto de migração e aos fatores culturais.

O período de Guerras em que viveu Simone Weil exigiu uma grande capacidade de recomposição coletiva, das grandes massas de refugiados, das vítimas dos efeitos da guerra (BINGEMER, 2007; MARTINS, 2013). A mudança de realidade das pessoas não ocorre sem sofrimento. A vida em uma cultura diferente, comporta a saudade da sua terra natal e outros sofrimentos que precisam ser enfrentadas para a sobrevivência. Portanto, intercruzam o processo de “enraizamento”, visando manter suas raízes e dialogar com outros contextos, aspectos de resiliência

Weil pode ser considerada uma autora da antropologia filosófica, pois quis percorrer as sendas da humanidade por inteiro o que nos possibilita, hoje, perceber uma vinculação com do pensamento com as formulações contemporâneas sobre resiliência. A filósofa também se apropriou de conceitos da física para tecer uma reflexão sobre a humanidade. Na ontologia

weiliana (Weil, 2004), observamos a preocupação por entender o ser dentro da dinâmica da gravidade e da graça. A gravidade comporta as atividades naturais regidas pelas leis, e essa força produz efeitos esperados em nós e vindos dos outros. Por outro lado, a graça é o respiro do sobrenatural, aquilo que escapa às leis fixadas.

Nos escritos recolhidos em “A gravidade e a graça” (Weil, 2004) observamos que a autora se reporta a uma mecânica humana onde encerra as motivações como sendo energia que alimenta nossas atitudes. Ademais, a filósofa pontua que é mais difícil suportar um sofrimento por motivo elevado (tais como a solidariedade e preservação da vida do outro) do que por motivo de baixo nível (que servem apenas interesse pessoal, ou a aquisição de bens).

Weil (2004) pondera que as nossas ações são construídas em processo (alimentas, cultivadas, tecidas), com bases energéticas (motivações) que podem ser transferidas. Assim, um evento físico que faz emergir energias tidas como “baixas” pode ser transformado em fonte de energia “elevada”. Do mesmo modo, o estresse tem efeito na tessitura da resiliência. Portanto, podemos crer que a resiliência se tece dentro da mecânica humana, no diálogo entre realidade concreta e seu significado.

Alguns dos homens e mulheres, no contexto violento da guerra, privados da sua cidade, de seu passado e impedidos de projetar seu futuro, padeciam se mantendo na resignação e infelicidade. Segundo Weil (2004, p.13) existe um nutriente em “contemplar a infelicidade enquanto se está infeliz”, isto é, percebe-se um “pão sobrenatural” contido nas adversidades, que nos possibilita ressignificação e força para novas atitudes. Esse pão imaterial, psíquico, das sensações é formulado também ao lado do pão material, das experiências, da mediação empírica, do contato com outras pessoas, desse modo o pão material e imaterial tem algo em comum.

No capítulo que trata da infelicidade Weil (2004) reconhece que precisamos assumir o sofrimento, reconhecer sua existência. Aceitar não buscando fazê-lo para obter compensações, certos de que nossa realidade comporta infelicidades. Todavia, essa atitude de reconhecer o sofrimento, e a leitura que podemos fazer dele não nos deve deixar inertes ou resignados. A autora recomenda esforçar-nos para evitar a infelicidade, mas ao mesmo tempo reconhecermos a realidade da infelicidade que nos bate à porta, compreendendo que a infelicidade não cabe nas projeções humanas para o futuro.

O conceito de sofrimento é outro elemento que não escapa da filosofia weiliana. Na esteira do que foi dito acima, cabe enxergar o sofrimento dentro da mecânica humana como energia, entender seu significado e possibilidades, para assim urdir os fios do pensamento weiliano com a resiliência. Comentando acerca da diferença entre desgraça (tradução

provisória para *malheur*) e sofrimento (*souffrance*) Martins (2013) analisa que, apesar de existir proximidade entre os termos, para Weil desgraça é algo próprio e irreduzível. E ainda, a desgraça é indissociável do sofrimento físico, diferente do sofrimento propriamente dito que pode acontecer sem a dor corpórea.

A desgraça provoca uma dor profunda que afeta o ser humano por completo abrangendo vida social, psíquica e física (Martins, 2013) que vem acompanhada de uma degradação social. Essa desgraça que marca a profundidade do ser humano, compatível com um desenraizamento, uma marca cravada na alma humana, assim como o efeito do corpo afetado pela força oposta que parte na busca de recompor-se pela resiliência.

Permanecendo no campo das análises weilianas sobre a mecânica humana podemos observar seu grande apressamento pelo estudo da força. Ela dedica um pequeno texto intitulado: “A Iliada ou o poema da força” (Weil, 1996), onde faz a sua leitura do épico de Homero tomando como cerne da obra a temática da força, que ao mesmo tempo é manejada e submete os homens da narrativa.

A força para Weil é justamente a própria sociedade (Puente, 2013), que submetendo o ser humano, busca a sua reificação, ou seja, a força quando domina um indivíduo o reduz a coisa. Essa força precisa então ser controlada, por questão vital, para que tenhamos sujeitos diversos (enraizados) na construção de uma sociedade e não instrumentos de uma força envolvente que subjuga. Desse modo, a resiliência pretende dispor fibras para que não se perca a identidade de ser humano frente a objetificação.

Tecer uma aproximação entre os diversos conceitos weilianos e o conceito de resiliência nos permite ver a vanguarda do pensamento dessa autora, e encontrar muitos entrelaçamentos entre suas análises e um conceito relativamente novo. Dispor, como em um tear, as fibras da filosofia as linhas de outras áreas das ciências humanas nos fazem observar uma só contribuição para os estudos da vida humana.

2. RESULTADOS E DISCUSSÕES:

2.1 - Entrelaçando terrenos e contextos

Para relacionar a realidade das mulheres do Alto Rio Negro em Manaus com o pensamento filosófico de Weil, entrelacemos esses dois contextos e ambientes. Recordando a realidade vivida e o pensamento Weil poderemos interligar os terrenos, que apesar de bem distantes, assemelham-se em pontos. E assim, essas aproximações também contribuem para uma o entrelace entre os conceitos de enraizamento e resiliência, uma vez que ambos se desenvolvem em contexto concreto (ARDANS, 2014).

A Europa do século XX vivia marcada por um contexto de guerras, violência e pelo avanço das indústrias. Nessa circunstância despontam as análises traçadas pela filósofa acerca da opressão dos operários e camponeses, além, de expressar preocupação com as pessoas afetadas pela guerra (Bingemer, 2007). Assim, um chão marcado pela violência, pela imposição da força e a vida das fábricas francesas ganharam espaço no pensamento de Weil. No entanto, a filósofa conseguiu vincular essa realidade palpável com elementos metafísicos, tanto que via no trabalho uma forma de espiritualidade (WEIL, 2014).

Por outro lado, trazemos aqui o contexto amazônico, onde se observa uma luta contra o desenraizamento, o combate a desarmonia com a natureza e a preservação das culturas. Paradoxalmente este também é lugar das cobiças, colonialismos, que abrem espaço para p genocídio e o etnocídio (Loureiro, 2015). Este último, pode ser também denominado com o desenraizamento da cultura, e na definição de Pontes Junior (2017, p. 99) representa uma “morte sistemática dos modos de vida e pensamentos dos povos tradicionais”.

Weil (1996), em seu contexto, criticava o colonialismo e o etnocídio empreendidos pela França. A pensadora questionava o fato do povo francês, sacralizando sua pátria, não conseguir respeitar a terra e a visão outros povos. Nesse escrito a filósofa defendia o direito as raízes, ao seu passado, que cada povo e não somente aos povos europeus, destacando ainda que o fruto da colonização é o desbotamento do passado que conduz uma fragmentação e servidão.

Os centros urbanos da Amazônia recebem contam com um constante fluxo interno e inter-regional, registrando grande afluência para a cidade de Manaus (Oliveira, 2016). Grandes cidades, como Belém e Manaus, ou em cidade de pequeno e médio porte são marcadas fortemente pelas características da sociedade de consumo, mostrando-se assim, mais penetrada pela lógica do valor do dinheiro na aquisição dos bens do que pela captação das dádivas abundantes dos rios, florestas e do trabalho agrícola. Desse modo, o homem e mulher da Amazônia, que migra para os contextos urbanos não encontra estranheza com esse modo de viver (LOUREIRO, 2015).

Para Weil (2014) uma das grandes forças atrativas da cidade, principalmente destacada nos camponeses da França do século XVI, é sensação angustiante de que nos centros urbanos havia o movimento, era lá onde tudo acontecia, e eles estavam excluídos disso (“out of it”). A autora tece também uma crítica a um pensamento que limita e vincula pensamento como propriedade do tecido humano (Weil, 2014). O mesmo é apontado por Loureiro (2015) quando

observa-se a contrapõe saber erudito e caboclo. Sobre a cidade então se forja um imaginário, que concretamente é tanto hostil como acolhedor.

Os deslocamentos indígenas, principalmente no período colonial, na região nem sempre foram frutos de uma migração voluntária, pois foram gerados por aldeamentos, escravização para exploração do trabalho (Bernal, 2009). Migração, trabalho, enraizamento e resiliência encontram inter cruzamento. Comprovadamente estão entre as razões da migração indígena a busca de oportunidades de trabalho (Bernal, 2009). Trabalho e enraizamento estão vinculados quando ambos aspectos se voltam para uma atividade dentro do contexto social permitindo uma forma de participação, embora dependendo das formas como essa atividade se desenvolve, ela poderá servir na verdade como canal para o desenraizamento (WEIL, 2014).

A influência e protagonismo feminino das indígenas tem sido observado nas migrações internas recentes, elas estão presentes na origem de grande parte dos movimentos, associações e constituindo verdadeiras redes de articulação para as migrantes na capital amazonense (Oliveira, 2016). O associativismo e a criação de comunidade são fatores de fortalecimento da resiliência (Pizzio, 2014). Desse modo um terreno aberto para o desenvolvimento de comunidades diversas e com sua atuação política no tecido social, são também propícios para o enraizamento e para a construção de resiliência.

A violência como outra similaridade entre o contexto weiliano e as mulheres indígenas em Manaus. As forças violentas se apresentam como um verdadeiro e grande problema da nossa época. Encontramos aqui outro paradoxo, a proclamação e violação dos direitos humanos ao mesmo tempo (Bingemer, 2007). Os povos da floresta estão constantemente tendo sua vida e direitos violentados (Pontes Junior, 2017). Juntamente com a ausência do estado a violência presente em problemas e conflitos relacionados a terra indígena desponta como uma das motivações para o deslocamento indígena para cidades como Manaus (BERNAL, 2009).

Simone Weil se debruçou na busca das raízes da violência, com toda a contribuição que as ciências sociais podem dar, quis não apenas denunciar a guerra, mas entender seus perversos mecanismos. O poder da guerra e da violência encontra-se justamente na dominação que transformam pessoas em coisas (Bingemer, 2007). Então, em um terreno de violações, racismos, a resiliência e a resistência fazem-se necessárias para enraizamento e construção de “nova territorialidade étnica” (OLIVEIRA, 2016).

Na sua argumentação, Weil (2014) criticava a impossibilidade de pensar, de fazer ambientes de trabalho agradáveis, que fossem um bom terreno para desenvolver as

potencialidades humanas. A espiritualidade do trabalho formulada pela autora mostra uma perspectiva maior que a de um simples fazer, pois para ela a execução de um trabalho deixava marcas profundas nos indivíduos. E criticava em seu tempo os “operários coisa”, ou a reificação do proletariado (Weil, 1991). Ela elogiava ainda o trabalho artesanal (Weil, 1991) que, como observava na construção das antigas catedrais, perdeu espaço para um trabalho em série e sem as mesmas preocupações estéticas e poéticas.

Dessa forma quando Bernal (2009) descreve o espaço da sede da ARMAN, encontramos muitos elementos que configuram um espaço destacado para os povos indígenas do alto-rio negro, e como lugar que evoca uma memória da sua terra natal, assim, falar em terreno é especificar o lugar de onde se emite um discurso. Na sua jornada em busca da esperança e de nova realidade as pessoas em processo de migração vão tecendo nova espacialidade e territorialidade (OLIVEIRA, 2016).

Para o pensamento weiliano, mesmo o nômade tem raízes e tem o direito de preservá-las mesmo que modificadas (Gabellieri, 2009; Weil, 2014). Bernal (2009) relata que o fator étnico se ressignifica, visto que uma parte dos indígenas em Manaus, firmes em suas raízes, são capazes de integrar outros elementos e lógicas do contexto presente, sem se desfazer do significado de determinados elementos em sua tradição, mesmo que reconfiguradas. Dessa forma o pesquisador aponta a possibilidade de continuar sendo indígena na cidade.

2.2 - Enraizamento e Resiliência na vida das mulheres indígenas em Manaus

2. 2. 1 - Raízes: identidade indígena e vivências urbanas

Esta discussão de dados da pesquisa visa apresentar um diálogo entre conteúdos teóricos e as falas colhidas nas entrevistas com cinco mulheres trabalhadoras, adultas, membros de etnias indígenas oriundas da região do Alto Rio negro, associadas da AMARN (Associação das Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro) residentes na cidade de Manaus-AM.

A origem da AMARN recorda, além do trabalho das primeiras associadas, o apoio e iniciativa da então pesquisadora do INPA e antropóloga Janet Chernella, de origem norte-americana, no ano de 1984. A associação, além da venda coletiva de artesanato, funciona como de rede apoio coletivo para as suas associadas (Maximiano, 2008), que segundo seus estatutos constituem-se somente de mulheres indígenas que vivem em Manaus, membros de grupos étnicos do Rio Negro: Arapasso, Baniwa, Bará, Barasana, Baré, Dessano, Karapanã, Kubeo, Kuripako, Maku, Makuna, MiritiTapuia, Piratapuia, Siriano, Tariano, Tukano, Tuyuka, Wanano e Warekena (SACCHI, 2003).

Partindo da noção que o enraizamento se desenvolve dentro de uma perspectiva de participação comunitária, sendo o desenvolvimento de suas potencialidades em um grupo e para o bem da coletividade, não podemos desconsiderar as variantes presentes em uma relação entre vida em comunidade e enraizamento. Mais uma vez essa presença pode ser definida como rizoma, uma vez que entrelaça progressivamente raízes e experiências pessoais, pequenos núcleos ou grupos até atingir o grande emaranhado tecido social. Uma vez que a AMARN é uma Kura (grupo em língua Tukano) e que enraizamento está fortemente ligado a vivências em comum pretendemos expor alguns aspectos dimensão comunitária do enraizamento.

A AMARN, segundo informações do CIMI – Norte I (2002) é um grupo criado pelas mulheres do rio negro que migraram para Manaus, onde elas se reúnem para fazer artesanato, discutir seus problemas e celebrar. É um espaço não só de produção de renda, mas de comunicação, pois, utilizam também os encontros promovidos pela associação para falar a língua materna, saber notícias de seus parentes, enviar correspondência para as aldeias e, também, para comer e beber juntas. Portanto a associação se apresenta como um lugar onde as mulheres, e também sua rede de contatos próximos, podem tomar consciência do terreno onde seus pés tocam e fortalecer a dimensão comunitária da vida (BERNAL, 2009).

2.2. 2. - Lutando por enraizamento

Para compreender o processo de enraizamento e desenraizamento das mulheres do Alto Rio Negro em Manaus, precisamos observar que estamos diante de uma dupla necessidade tanto de nutrientes materiais e imateriais que garantam a afirmação da sua identidade, com possíveis reconformações (Bernal, 2009), juntamente com os elementos básicos para sua sobrevivência humana, ambos concernentes ao conceito de enraizamento.

Ao imaginar a imagem das raízes podemos perceber que sem uma base sólida, um canal de comunicação, crescimento, nutrição e replantio a vida não se desenvolve. E essa representação cabe ao que ocorre com a presença indígena feminina na capital amazonense. Por sua vez vale-nos o contexto urbano como figuração de um terreno, tanto propício para o enraizamento, como dotado de elementos desenraizadores. E nesta parte visaremos abordar a luta pelo enraizamento por meio de uma interpretação na sua dimensão cultural.

Olhando para o rosto indígena na história de cidade de Manaus, pode-se comparar com raiz arrancada e negada, mas ao mesmo tempo, como renovo de esperança e resistência. Na luta contra o desenraizamento, diante de uma outra cultura dominante e envolvente “Flor-das-águas” relata que: *Hoje a gente tenta levar essa cultura para os nossos filhos que já nasceram*

aqui na grande cidade. Essa é cultura que a gente busca levar para os nossos filhos (Flor-das-águas, 50 anos).

Essas duas gerações, os indígenas que emigraram e os que nasceram na cidade, são denominadas respectivamente por Bernal (2009) como indígenas na e da cidade. Nesse embate entre afirmação e negação da indianidade em contexto urbano, “Chicantá” relata o encontro com parentes que fazem questão de afirmar a impossibilidade de ser indígena na cidade: *Não, não, tamu na cidade, a gente tem que esquecer [de ser indígena]. Que a gente já veio do interior, para ser índia de novo? Isso daí que fico pensando: mas, com que ela não quer ser índia?* (Chicantá, 47 anos). O discurso de Chicantá deixa claro o embate entre a negação da identidade com sua autoafirmação.

Paes Loureiro (2015) apresenta a cultura como sendo relacionada com a criação e preservação de bens materiais e imateriais. Distinguindo a produção cultural nas seguintes etapas: cultivar, habitar e preservar. Desse contato com o seu contexto e pelo modo de relação estabelecido os seres humanos atribuem sentido às coisas. Chicantá reconhece que sua ancestralidade e a transmissão cultural recebida deve ser percebida e cuidada: *Como a gente veio do interior, a gente já sabe da nossa cultura, né, a gente tem que continuar valorizando... meus filhos não falam Tukano, minhas filhas mais velhas compreendem, mas, não falam... Eu que primeiro tenho que incentivar meus filhos a estudar pra poder dar continuidade, valorizando a cultura* (Chicantá, 47anos).

A expressão “interior”, explica Loureiro (2015) assinala a complexidade do mundo rural, onde os grupos humanos têm a possibilidade de estar dispersos em longas extensões territoriais e com possibilidades para dar margem ao seu imaginário. No interior a experiências de participação em um processo de criação (poéticas e estetizantes) são vivamente celebradas. O mesmo pesquisador informa que o homem e a mulher da Amazônia vivendo nas atmosferas rurais e ribeirinhas, tem mais facilidade para manter sua expressão de vida mais tradicional, vinculada com a conservação da seiva histórica dos valores contidas em suas raízes.

O repasse cultural na Amazônia, segundo Loureiro (2015), se dá predominante pela via da oralidade. O que apresenta um forte desafio na relação entre transmissão, recepção e vivência desta sabedoria em outros contextos. Embora tenhamos muitos aspectos culturais dos povos indígenas registrados em etnográficas, e outras formas de produção, isso não garante a continuidade da sua vivência. A riqueza da sabedoria indígena é apresentada por “Sumaúma” da seguinte forma: *Sabedoria, nós indígenas não tinha papel para escrever, repassar com*

pensamento, falando, só através da mente deles, ele grava, ele sabe benzer sem papel, ele benze assim tipo decoração que eles têm na cabeça. [...] O meu pai velho me falava assim, para mim, como se eu fosse branco, não indígena, eu teria uma casa cheia de livros para escrever, porque ele tinha muito no pensamento dele e para falar... (Sumaúma, 68 anos).

Muitos elementos citados acima apontam que as mulheres indígenas na cidade enfrentam um processo paradoxal, que é tanto de desenraizamento, enraizamento e re-enraizamento. No trançado rizomático da que comporta a pluralidade da vida urbana da capital, elas trazem suas raízes originais que se somam nesse complexo, e então, presentes nessa outra realidade devem lutar para adquirirem os meios necessários de viver e desenvolver sua cultura, ao qual chamamos enraizamento.

2.2.3 – Vida comunitária e enraizamento

Bernal (2009) afirma um tríplice direcionamento na atuação da AMARN: trabalho artesanal e autonomia, encontros lúdicos e representação política. Essas características nos possibilitam observar nesse grupo uma perspectiva de comunidade, que trabalha, cultiva momentos de interação festivos e militância política. Mais do que uma entidade que vise relações de comércio, a AMARN é uma comunidade de troca afetiva, de resgate das raízes indígenas e de forte incidência política. Flor-das-águas argumenta que a associação lhe auxilia na manutenção das suas raízes, pois na sua percepção: *essa associação na minha vida é muito importante, onde a gente mantém viva a nossa cultura [...] A gente vem aqui, a gente fala nossa língua materna, a gente come nossa comida típica, nossa bebida típica... tudo isso* (Flor-das-águas, 50 anos).

O encontro e a afirmação cultural empreendido na rede de relações estabelecida pela AMARN, se alastra para além das associadas, englobando seus familiares e outros membros de povos indígenas do Alto Rio Negro. A sede da AMARN se apresenta como local de encontro, Bernal (2009) descreve a maloca no fundo do terreno, como sendo espaço pulsante da vida comunitária na associação, por neste ambiente se dá o encontro entre pessoas e a produção de artesanato. “É o lugar onde se trabalha, onde se discute, se come, se celebra, se dança, se reza, se ensina e se aprende, se choram os mortos e onde, onde se trocam informações” (BERNAL, 2009, p. 65). *Aqui [na AMARN] a gente não esquece de falar nossa língua, nossa cultura, não esquece nosso costume de comida típica, a gente sempre prepara, e também danças que tem aqui. [...] Isso não deixa eu, eu como sou antiga, não deixa esquecer, né!?. Eu sempre lembro*

do passado, no tempo eu era nova, onde eu viva nas minhas aldeias, sempre eu lembro quanto tem festa aqui. Isso me deixa ficar bem. Eu sinto bem. (Sumaúma, 68 anos)

Léa Perez (2002) em sua compreensão sobre a dimensão festiva, revela que essa também em contexto urbano, é marcada pela “mítica do dom”. Nesse aspecto a festa é reciprocidade, troca, momento de enriquecimento mútuo, partilha e alegria coletiva. Fazer festa significa ainda recordar e ter um fato e ter um modo tradicional para celebrar. O momento festivo rompe com o cotidiano e desperta uma memória afetiva, como descreve a entrevistada “Tajá-vermelho” (77 anos): *“Sempre quando tem essas festinhas, essas danças... Que tem aqui ... Não perdemos [a cultura] por causa dessa associação. O pessoal vem aqui a gente dança e tudo isso [feito na associação] representa muita coisa do interior”*.

Ardans (2014), no artigo “Comunidade, enraizamento, socioambiente: entre poética e política” nos faz atentar para o fato de que somente compreenderemos bem o enraizamento se voltarmos a atenção para o diálogo entre as culturas humanas em sua geração e crescimento dentro de contextos socio-históricos. O sócio ambiente pode ser tanto favorável quanto hostil ao dificultando o ato de arraigar-se. Visto que todo enraizamento se dá em um contexto, em uma realidade concreta, mediada por processos comunitários em sua relação com as outras culturas e o ambiente podemos compreender o enraizamento enquanto processo vivo, dinâmico, e poético, na medida em que se faz e refaz periodicamente.

Em suma, o nexos entre indivíduo e grupo, em uma comunidade por meio da sua participação, em um caminho de trocas afetivas, encontros festivos, fortalecimentos mútuos, ambiente de articulação poética e política, transmissão e recriação de uma cultura são todos traços presentes em um processo de enraizamento. As dificuldades de enraizar-se em um outro ambiente, comportadas em casos como o de emigração, são atenuadas pela formação de comunidades. Dessa forma enraizadas em um grupo, em uma cultura (que visam buscar meios de preservar), as associadas podem ter mais força para o enraizamento deste grupo dentro do emaranhado de raízes da vida urbana em Manaus.

2.2.4– Enraizamento e artesanato

Partindo da dimensão comunitária, podemos observar a necessidade que a expressão dentro e fora do grupo que pode ser dá de diversas formas, entre elas na produção de bens culturais. Da mesma maneira, podemos afirmar a comunidade, por seu carácter poético e político como lugar de enraizamento e da produção de meios para alcançar esse processo. Assim, podemos descrever o artesanato como um fruto nutrido pelas raízes da comunidade,

mas ao mesmo tempo produto final executado por um indivíduo específico que, pela sua participação, busca enraizar-se paralelamente em um contexto social que engloba outras figurações culturais.

Nesta parte da pesquisa focalizaremos o enraizamento como via de manifestação das raízes culturais e a geração de renda, por meio da produção de artesanato, vista com uma forma de mediação que permite desenvolver um modo de existir dessas mulheres indígenas em Manaus. Desse modo veremos o artesanato como possibilidade de ajuda para manter-se financeiramente como meio de dialogar com sua cultura original.

Velthem (1996), em um estudo intitulado “muitos fios de tucum”, trata sobre o artesanato feminino no alto rio negro e o caracteriza de duas formas: artesanato e artesanato cultural. O primeiro é aquele de cunho comercial, fabricado para a venda e o segundo, artesanato cultural, configura para a pesquisadora o grupo de objetos que são marcadores culturais por serem bens simbólicos. Desse modo temos artesanatos específicos de um povo, especializado na sua produção, e outros que podem ser produzidos por membros de diversas etnias, como no caso da fiação do tucum (*Bactissetosa*).

[O fio de] Tucum, antigamente, nossos avós já trabalhavam assim: fazia o pote para guardar. Eles tinha pintura e um tipo de pincel que eles fazia... A gente não esquece de lembrança que eles deixaram para nós. Tucum já faz parte de nossa cultura (Sumaúma, 68 anos). Ariá (60 anos): Aprendi fiar tucum, com minha mãe. Tajá-vermelho (77 anos): Essa fibra de tucum minha mãe sabia, fazer fibra de tucum, tirava, só que ela não sabia... só sabia enrolar, assim... não sabia minha irmã saiu.... mamãe começou a enfiar... minha irmã sabia tecer...

Essas falas se somam a análise de Ribeiro (1985) ao afirmar a relação entre artífice e construção de patrimônio étnico, pois ao mesmo tempo que as mulheres empregam parte de si na geração de bens culturais, esses bens, são herança e traduzem um pensamento e técnica repassados. Ademais, o pensamento de Ariá expressa de que a cultura materializada em objeto é um saber coparticipativo, e uma vertente de colaboração para o patrimônio tradicional de uma comunidade (RIBEIRO, 1985).

A fiação e tecelagem do tucum, e outras fibras são para Bernal (2009) analogia do trançado inter-étnico realizado na vida da associação, pois tais como fios de fibras naturais, dispersos se reúnem para constituir a trama do tecido, assim, essas mulheres de povos e histórias pessoais distintas reúnem-se resistir com sua indianidade dentro do contexto urbano. Logo,

estamos diante de elementos bem maiores do que a mera fabricação de artefatos comerciais, e perante questões que se prologam, como no caso da atenção as demandas do mercado, inovações, introdução de materiais heteróclitos (Ribeiro, 1985), apropriações culturais, as quais não temos aqui espaço para aprofundar.

No estudo antropológico, etnográfico e sociológico realizado por Alcionilio Silva (1977) destaca-se a preocupação dos povos indígenas do Uaupés com a produção artística. O autor deixa claro que a produção e o senso artístico destacam-se na observação do modo de vida destas populações, onde segundo o pesquisador destacam-se três importantes formas de manifestação: tecidos música e desenhos (SILVA, 1977, p. 260). Em uma apreciação estética da composição de bens materiais e culturais dos povos do alto rio negro, Silva, destaca como elementos presentes marcantes a estabilidade, solidez, funcionalidade, harmonia, proporção nas partes, acabamento agradável.

Na obra índios urbanos, abordando o mundo do artesanato na vida das populações indígenas em Manaus, Bernal (2009), o destaca em duas vertentes principais: a produção e utilização, interessando-nos mais neste estudo a primeira perspectiva. No âmbito da utilização o autor destaca o uso familiar (ou cotidiano) e público, acompanhada da carga de significado que esta utilização comporta. Na dimensão da fabricação de artesanato, o autor concentra-se na criação, venda e geração de renda promovidas especialmente dentro de associações com a AMARN e AMISM.

Entre as características do artesanato a serviço da identidade grupal Bernal (2009) pontua: a força da estética indígena, a afirmação frente a outros grupos, uma expressão da capacidade de adaptação dos índios a novas circunstâncias, demonstração da sua criatividade, integração como grupo, que oferece bons produtos para o mercado e onde desponta novamente sua modernidade. Em suma, podemos certamente afirmar como Ribeiro (1985), que o artesanato é uma forma de trabalho que confere dignidade, nutre o orgulho e fortalece a identidade ética.

2.3 - Fibras: tessitura de resiliência nas mulheres da AMARN

Entre os fatores de resiliência, listados por Grotberg (2003) está a identidade. Para a teórica é importante lembrar que essa construção identitária se desenvolve na adolescência onde formulamos perguntas como: quem sou eu? Como me vejo comparado com os outros da mesma idade? Como são minhas relações com meus pais (e outras figuras de autoridade)? O que alcancei? Como contínuo minha caminhada? E uma das capacidades que podem ser a base

para a descoberta e promoção da identidade está no aprimoramento das capacidades interpessoais.

Olhando para a resiliência em comunidades de “latinos”, Infante e Lamond (2003), observam que um dos elementos que precisam ser levados em conta são os laços culturais e os processos de aculturação que acompanham os membros desse grupo. Nesse processo o biculturalismo, segundo as autoras, seria um processo de diferente de adaptação em uma nova cultura, onde se busca manter e dialogar com suas raízes originais, além de estimular o forte senso comunitário.

Pizzio (2014) também propõe uma abordagem cultural e comunitária da resiliência, o autor especifica que com o termo resiliência social, se quer designar a mobilização de recursos culturais e instituições para enfrentar os impactos das políticas neoliberais. O fator de reconhecimento social está, segundo ele, vinculado com o sentimento de integração e pertencimento social. Nessa perspectiva as raízes sociais vivificadas pela resiliência social andam juntas e maximizam o enfrentamento das adversidades. A identidade social na categoria de quebradeira de coco, (analisada por Pizzio) foi observada ainda na pesquisa como sendo mais forte nas idosas, enquanto as jovens optam por outras formas de trabalho e reconhecimento social (PIZZIO, 2014).

O estudo sobre a resiliência da esposa acompanhante a partir da Individação e expatriação de Daniela Borba (2008) permite interligar resiliência social, identidade e migração. Em sua tese ela destaca que a aculturação é um processo gerador de sofrimento e tensão para os migrantes que se encruzilham entre códigos culturais. Em um processo de biculturalismo (Grotberg, 2003; Borba, 2008) desponta o papel na resiliência, como base para encontrar soluções.

2. 3. 1 – Deslocamento: dificuldades e soluções

O processo de migração e permanência das mulheres indígenas alto-rionegrinas no contexto urbano apresenta uma situação de tensão que exige um processo que engloba enraizamento, uma vez que este conceito se refere igualmente as condições para “fixar-se” em um ambiente ou sociedade (Weil, 2014), e resiliência. Das motivações e dificuldades sociais diversas que impulsionam o processo migratório às vicissitudes de uma nova realidade, com estrutura complexa de uma metrópole brotam encruzilhadas, situações de sofrimento enfrentadas por meio de uma postura resiliente, que aqui não significa ignorar ou eliminar de vez esses percalços.

Cada realidade comporta sua carga de dificuldades específicas do contexto em que se vive, todavia, a migrante em processo de “reconformação da identidade” (Bernal, 2009) terá que responder, além dos problemas próprios do local onde encontra-se, a uma forma de vida em transformação, na passagem de uma cidadania “deslocada e imperfeita” ao reconhecimento e participação.

As dinâmicas migratórias no contexto amazônico, conforme descreve e analisa Márcia Oliveira (2016), abrangem um movimento externo e interno, cuja migração local tem entre suas expressões os “novos descimentos indígenas” rumo às capitais, entre as quais cita a autora: “Manaus, Belém, Porto Velho e Rio Branco” (Oliveira, 2016, p. 12). Despertando para a mulher enquanto sujeito, ativa e consciente de suas relações na sociedade, podemos perceber que essa condição se estabelece mediante possibilidades do seu enraizamento, ou seja, só se pode ser sujeito sendo alguém enraizado(a).

Diante do desenraizamento, desterritorialização, mudanças culturais, em suma, “as perdas e ganhos” com a migração, Oliveira (2016) nos apresenta a fragmentação do sujeito migrante, originados “pelos cortes e recortes da migração” (Oliveira, 2016, p.55). Situando essa abordagem no ambiente amazônico, a pesquisadora destaca a experiência de reconfiguração étnica e recriação de territorialidade dos povos indígenas que migram para os centros urbanos.

O contexto urbano apresenta ainda uma teia complexa de possibilidades, não excluindo violências e medos. Tanto que constata Flor-das-águas: “violência, a cada dia aumenta na cidade”. E essa violência acompanha não só a vida urbana, mas entremeio o processo de deslocamento das mulheres indígenas. Baseada nas teorias de Michel Foucault, Oliveira (2016) expressa a violência simbólica e concreta que acompanha a migração forçada pelo que ela denomina guerra do desenvolvimento. E ainda que em uma migração que se diz feita por escolha o medo e violência não deixam de fazer-se presentes.

Sobre as motivações do deslocamento indígena, Bernal (2009) apresenta: educação dos filhos, busca de emprego, procura de melhores condições de vida, que são registradas como motivos reconhecidos da migração, não excluindo situações como a questão da demarcação de terras, e também demandas pessoais. Ademais, conflitos socioambientais e as implicações dos grandes projetos econômicos para a região, são fatores que incidem nesse processo de emigração compulsória (OLIVEIRA, 2016).

Falando acerca do deslocamento e a concretude da vida na cidade Flor-das-águas afirma: *Se tu vem do interior, tu vem com um sonho tão grande, para melhorar sua vida, as vezes a*

gente chega aqui, a gente, encara uma realidade bem diferente. É justamente, “Essa busca por vida melhor é o que vem promovendo diversos deslocamentos de mulheres em toda a Amazônia” (OLIVEIRA, 2016 p. 177). As trajetórias dos migrantes são sofridas, mas o sofrimento não acaba com a chegada à cidade. As dificuldades gerais do contexto urbano, tais como violência, falta de políticas públicas, moradia, desemprego, transporte, encontradas em nos testemunhos como esse de Flor-das-águas.

Recordar sua história antes da migração, alterna entre uma saudade, que a faz querer voltar para o local de origem, para aqueles tempos e uma força para permanecer no local onde se encontra. *Eu penso muito... às vezes eu converso com meu marido: - vamos voltar para nossa terra, aqui tá muito difícil! Aqui a gente só come com dinheiro... lá no interior não. Aqui a gente só vive com dinheiro. A gente vivia mais na roça, nosso costume era mesmo trabalhar na roça...* (Ariá)

Levando em conta aspectos observados podemos observar que o deslocamento das mulheres indígenas e seus múltiplos fatores apresenta-se como espaço em que se faz necessária a construção de resiliência e onde no embate para gerar enraizamento diante de forças que se mostram desenraizadoras.

2.3.2 – Trabalho e desemprego

O desemprego não deixa de ser uma forma de exclusão, impedindo o acesso à participação do processo produtivo. Diante dessa realidade Ariá (60 anos) apresenta a dificuldade de conseguir emprego na cidade: *Agora a gente tem muita dificuldade de arrumar emprego... eu andei atrás de emprego e não consegui [...] E coloca como sua busca de solução a fabricação de artesanato: pensei então, vou pelo menos bater [manejar o tear] e fazer bolsas.*

Oliveira (2016) aponta que a conjuntura de um sistema econômico que tem como uma de suas características a exploração da força de trabalho faz surgir uma estrutura de descarte e exclusão. Nessa condição de trabalhadora migrante Flor-das-águas nos relata as seguintes dificuldades: *Desemprego, que na nossa família. Tá difícil emprego! Aqui a dificuldade que a gente enfrenta é que se tu não tiver emprego você não come.* Primeira coisa tu não tens emprego e a segunda coisa tu não tem onde morar.

A face do proletariado urbano de Manaus é em sua maioria composto por trabalhadores e trabalhadoras oriundos do meio rural (Scherer, 2005). Analisando a feminização da migração podemos notar, segundo a pesquisa realizada por Oliveira (2016) que a mais forte motivação

para a migração das mulheres é o trabalho (54% das entrevistadas) ou conjuntamente relacionando fatores como trabalho e estudo, trabalho e família. A mesma pesquisa aponta para um grande direcionamento das trabalhadoras migrantes para o serviço doméstico. Fato encontrado também entre as mulheres da AMARN: *Todo mundo [referindo-se as associadas] era doméstica, quando desempregada não tinha para onde ir... porque não tinha associação* (Sumaúma, 68 anos).

Os fatores de resiliência relacionados a condição de desemprego são apontados por Augusto (2015) com contendo um “fora e um dentro”, nos fatores externos e internos ao indivíduo, moderando os efeitos da condição de desempregado e no planejamento de estratégias. Um evento gerador de estresse, no caso desemprego e associado a outras variáveis, podem ser enfrentados com as potencialidades dos indivíduos juntamente com a geração e fortalecimento de laços afetivos e apoios sociais. Essa rede de apoio afetivo e social é sentida na AMARN: *Muita gente me deu conselho, foi isso o maior apoio que associação me deu, quando eu tô aqui as vezes eu esqueço meus problemas* (Chicantá). E mais, a associação faz com que se sinta a dignidade que acompanha a imagem de ser uma trabalhadora artesanal.

Diante de dessa realidade de trabalho e desemprego percebemos a força que brota da busca por vida digna presente nos gestos das mulheres do alto rio negro em associar-se. A imagem de um trabalho em conjunto que faz frente aos meios de produção desenraizadores. Um ambiente de trabalho que contempla também momentos para o lúdico, e favorece o diálogo entre as diferenças de cada uma. Assim encontramos uma trama de resiliência que favorece o enfrentamento das dificuldades da vida em Manaus.

3 - ENTRELAÇANDO RAÍZES E FIBRAS

Nesta parte do trabalho buscamos em forma de síntese aproximar em uma trama os fios dos conceitos de enraizamento e resiliência, conforme expostos nas partes anteriores, e também as perspectivas colhidas da realidade das mulheres indígenas da AMARN e o pensamento weiliano. Esclarecendo cada conceito e com um olhar sobre os contextos tanto da filosofia de Weil quanto das indígenas alto-rionegrinas em Manaus, podemos neste momento verificar as interconexões entre pensamento filosófico e a conjuntura que expusemos.

O que temos visto até agora é que entre enraizamento e resiliência existe uma proximidade conceitual. Se o enraizamento prevê a participação plena e o desenvolvimento de raízes em um socioambiente (Weil, 2014; Ardans, 2014), no entanto essa possibilidade se vê ameaçada pela força impactante do desenraizamento, que em seus mecanismos pretende roubar

o modo de existir, desprovendo os bens materiais e imateriais para a vida. Diante dessa força detratora do corpo e da alma (Reale e Antiseri, 2003) a posição resiliente, enquanto reerguimento, lhe faz oposição. Desse modo as mulheres associadas da AMARN, demonstram um reerguimento da força, perante diversas dificuldades enfrentadas, no processo de mudança para a capital, de instalação e permanência.

Outra consideração emergente da aproximação entre enraizamento e resiliência é que ambas encontram-se em travessia entre os meios materiais e imateriais necessários para a vida, seriam assim, o que Weil (2014) nomeia, as necessidades para o corpo e para a alma. Por conseguinte, enraizamento e resiliência se constroem em um complexo que interliga tanto o que se faz necessário para a subsistência física quanto psíquica, ou espiritual, as quais nossa sociedade deveria prover.

As mulheres indígenas na cidade de Manaus, reunidas na AMARN, mantém uma força que brota do contato umas com as outras, da conservação das suas histórias pessoais e culturas próprias. Toda uma cadeia simbólica acompanha nossa vida concreta, então atividades como a produção de artesanato, conversas em língua indígena, entre outras atividades do grupo, desse modo, participar dessa associação modifica e impulsiona a produção de meios de enraizamento e fortalecimento (materiais e metafísicos) em conjunto.

O enraizamento seria então impulsionado e impulsionador da tessitura da resiliência destas mulheres. Ele é impulsionado uma vez que sem a fibra necessária para lutar pela busca de direitos, pela conservação do seu modo de vida, pela procura do diálogo intercultural não se pode construir um verdadeiro enraizamento. E torna-se impulsionador uma vez que dentro desse processo conforme vão despontando obstáculos e dificuldades se demanda a tessitura da resiliência. Isso, atesta que resiliência e enraizamento estão profundamente imbricados.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No término dessa pesquisa pudemos verificar a aproximação de conteúdos filosóficos do pensamento de Simone Weil com contexto amazônico, na concreta do trabalho e da das mulheres indígenas do Alto Rio-Negro. O resultado exposto neste artigo agrupou e buscou dialogar principalmente a partir dos conceitos de enraizamento e resiliência, temas que abrem possibilidades de outras e mais aprofundadas abordagens, principalmente em uma perspectiva sociocultural amazônica.

Entrelaçar momentos históricos e ambiente distantes do pensamento weiliano, como o são os elementos destacados da vida das mulheres indígenas no contexto urbano, foi tarefa desafiadora. Todavia aqui tivemos a oportunidade de ver que enraizamento e resiliência são dois conceitos que apresentam variadas interconexões, e que podem ser observados como ponte em sua presença na dimensão filosófica e também na existência das mulheres que colaboraram na pesquisa.

O “tecido” pronto da pesquisa entrelaçou, mas antes buscou algumas fontes, isto é, foi às raízes. Nessa procura, encontramos uma realidade resistente frente ao desenraizamento. E para essa tarefa de resistência se faz presente a colaboração da resiliência, que desponta não apenas de uma habilidade extraordinária e pessoal, mas se desenvolve dentro de um contexto social e comunitário. O chão da realidade indígena urbana e seus desafios para ter uma vida enraizada, o que consiste em ter seivas materiais e imateriais, foi também apresentado nesta pesquisa, porém de forma sucinta, o que pode despertar outras análises desse modo de vida e dos seus percalços.

Um aspecto diacrítico dessa pesquisa encontra-se no fato de que mesmo partindo de uma matriz filosófica abre o diálogo com outras áreas das ciências humanas. Outro aspecto relevante ressaltado neste artigo está no fato de voltar-se, sob o signo do enraizamento e da resiliência, para as vivências de um grupo de mulheres indígenas na cidade de Manaus. Assim, esperamos, mesmo com as limitações desta pesquisa, ter contribuído de algum modo para um diálogo entre filosofia e vida amazônica.

Por fim, queremos guardar com emocionante metáfora do tear³ que pode nos ajudar a entender como os fios dispersos, são mais frágeis. Porém, essas fibras unidas, e até mesmo torcidas, formam uma peça resistente, bela e carregada de simbolismo. Da mesma forma as queremos recordar essas mulheres, e tantas outras, que sabem reerguer-se e resistir bravamente.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Paulo Maria. **A Resiliência nos Jovens Angolanos Desempregados**. Valência: Universidad de Valência, 2015. (Tese de doutorado). Disponível em: <<http://roderic.uv.es/bitstream/handle/10550/48236/A%20Resili%C3%Aancia%20nos%20Jovens%20Angolanos%20Desempregados.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 22 out 18.

ARDANS, Omar. Comunidade, enraizamento, socioambiente: entre poética e política. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, Vol. 50, N. 3, p. 234-243, set/dez 2014. Disponível

³Um instrumento também utilizado na produção tecidos com grafismos indígenas pelas mulheres da AMARN.

em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/viewFile/csu.2014.50.3.06/4474>. Acesso em: 22 out. 18.

BERNAL, Roberto Jaramillo. **Índios Urbanos**: processo de reconformação das identidades étnicas indígenas em Manaus. Trad.: Evelyne Marie Therese Mainboug. Manaus: EDUA/FSDB, 2009. 336 p. [Série nova antropologia da Amazônia]

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **Simone Weil**: A força e a fraqueza do amor. Rio de Janeiro: Rocco, 2007. 338p

BORBA, Daniela. **Indivíduo e expatriação**: resiliência da esposa acompanhante. 2008. 187 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

CIMI NORTE I. Povos do Rio Negro. In.: CNBB NORTE I. **A Fraternidade e os povos Indígenas**: por uma Terra sem Males. Manaus: Gráfica Belvedere, 2002. p.32-33

GABELLIERI, Emmanuel. Enraizamento e Encarnação: dimensões do diálogo intercultural e inter-religioso em Simone Weil. In: BINGEMER, Maria Clara Lucchetti (org.). **Simone Weil e o encontro entre as culturas**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Paulinas, 2009. p. 13 – 37.

GROTBERB, Edith Henderson. ¿ Qué entendemos por resiliencia? ¿ Cómo promoverla? ¿Cómo utilizarla? In: _____ (org). **La resiliencia en el mundo de hoy**: como superar las adversidades. Barcelona:Gedisa, 2003. pp. 17 – 57.

INFANTE, Francisca; LAMOND, Alexandra. Resiliencia y biculturalismo: la experiencia de los latinos em Estados Unidos. In: GROTBERB, Edith Henderson (org). **La resiliencia en el mundo de hoy**: como superar las adversidades. Barcelona:Gedisa, 2003. pp. 235 – 270.

LOUREIRO, João de Jesus. **Cultura amazônica**: uma poética do imaginário. Manaus: Valer, 2015.456 p.

MARTINS, Alexandre Andrade. **A pobreza e a graça**: experiência de Deus em meio ao sofrimento em Simone Weil. São Paulo: Paulus, 2013. 292 p.

MAXIMIANO, Claudina Azevedo. **Mulheres Indígenas em Manaus**: identidade étnica e organização como forma de construir comunidade. Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas. Manaus: UFAM, 2008. (Dissertação de Mestrado).

OLIVEIRA, Márcia Maria de. **Dinâmicas Migratórias na Amazônia Contemporânea**. São Carlos: Scienza, 2016. 304 p

PEREZ, Léa Freitas. Antropologia das efervescências coletivas. In.: PASSOS, Mauro (org.). **A festa na vida**: significado e imagens. Petrópolis: Vozes, 2002. pp. 15-58.

PIZZIO, A. Reconhecimento e resiliência no cotidiano de quebradeiras de cocobabaçu. **Estudos de Sociologia [online]**, Pernambuco, v. 1, n. 20, [s/p], 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/235513>>. Acesso em: 31 mai. 2018.

PONTES JÚNIOR, Felício. **Povos da floresta: cultura, resistência e esperança**. Osnilda Lima (org.). São Paulo: Paulinas, 2017. 163 p.

PUENTE, Fernando Rey. **Exercício de atenção: Simone Weil leitora dos gregos**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2013. 248 p.

_____. **A matemática como metaxu entre a Grécia e o cristianismo**. In: BINGEMER, Maria Clara Lucchetti (org.). **Simone Weil e o encontro entre as culturas**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Paulinas, 2009. p. 147 – 158.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. Simone Weil: entre a ação revolucionária e a experiência mística. In: _____. **História da Filosofia 6: De Nietzsche à Escola de Frankfurt**. São Paulo: Paulus, 2006. pp 407- 414.

RIBEIRO, Berta. **Artesanato indígena: por que e para que?** In: FIGUEIREDO, Aline et. al. **As artes visuais na Amazônia: reflexões sobre uma visibilidade regional**. Belém: Funarte, 1985. pp.23-42

SACCHI, Ângela. Mulheres indígenas e participação política: a discussão de gênero nas organizações de mulheres indígenas. **Revista AntHropológicas**, ano 7, vol. 14 (1 e 2), 2003. UFPE.

SCHERER, Elenise. **Baixa nas carteiras: desemprego e trabalho precário na Zona Franca de Manaus**. Manaus: EDUA, 2005. 159 p.

SILVA, Alcionilio Bruzzi Alves da. **A civilização indígena do Uaupés: observações antropológicas, etnográficas e sociológicas**. Roma: LAS, 1977. 430 p.

TABOADA, Nina; LEGAL, Eduardo; MACHADO, Nivaldo. **Resiliência: Em Busca de um Conceito**. Revista Brasileira de Crescimento Desenvolvimento Humano. São Paulo: USP, 2006;16(3). pp.104-113.

VELTHEM, Lúcia Hussak van. “Os muitos fios de Tucum”: Artesanato feminino no Alto Rio Negro. In.: BELFORT, Maria Solange Ferreira (org). **Anais do I Simpósio Dos Povos Indígenas Do Rio Negro: Terra e cultura**. Manaus: Prograf, 1996. pp. 109-119.

WEIL, Simone. **O enraizamento: prelúdio para uma declaração dos deveres para com o ser humano**. Trad. Júlia Ferreira e José Cláudio. Lisboa: Relógio d’água, 2014. 252p.

_____. **Aulas de Filosofia**. Tad.:Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1991. pp.169-171.

_____. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Ecléa Bosi (org). Trad.: Therezinha Gomes Garcia Langlada. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1996.470 p.

_____. **A gravidade e a graça**. Trad. Dóris Graça Dias. Lisboa: Relógio d’água, 2004. 179p.